



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

**“DEITADO FORA DO ÂNGULO”: A POÉTICA, O SUJEITO E A PAISAGEM EM  
“NA VERTIGEM DO DIA”, DE FERREIRA GULLAR**

**"LYING OUT OF THE ANGLE": THE POETICS, THE SUBJECT AND THE  
LANDSCAPE IN "NA VERTIGEM DO DIA", BY FERREIRA GULLAR**

Danielle Castro da Silva<sup>1</sup>  
Márcia Manir Miguel Feitosa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca discutir de que maneira, na obra *Na vertigem do dia*, de Ferreira Gullar, o fazer poético pode manifestar a experiência do escritor relacionada à sua identidade como ser-no-mundo, a partir das leituras das paisagens literárias expressas em sua poética. Para tanto, busca-se o aporte teórico da teoria da literatura, mais especificamente a partir da Fenomenologia, da Geografia Humanista Cultural (a partir das categorias relativas à espacialidade, tais como *espaço*, *lugar*, *lugar-sem-lugaridade*, *topofilia* e *topofobia*), e dos estudos de Identidade. Objetiva-se compreender mais a fundo os elementos autor-obra-leitor-mundo. A poética gullariana, a partir da obra *Na Vertigem do Dia*, apresenta um Gullar de poética mais madura, embora sem perder sua característica experimental, advindo de uma bagagem histórica pós-exílio, o que dá ao leitor uma vívida ideia de como sua identidade no espaço é híbrida e marcada por fissuras e reconstruções. De modo específico, intenta compreender, a partir da concepção da crítica literária e da Geografia Humanista Cultural, estruturadas na Fenomenologia, quais relações entre lugar e identidade se fazem presentes na poética gullariana, em *Na vertigem do dia*, verificando de que modo a poética de Ferreira Gullar manifesta seus sentidos de lugar e pertencimento, considerando o desalojamento desse sujeito a partir da sua experiência de pós-exilado.

**Palavras-chave:** Poética. Geograficidade. Identidade. Ferreira Gullar. Na vertigem do dia.

**ABSTRACT:** This article seeks to discuss how, in *Na vertigem do dia*, by Ferreira Gullar, poetic doing can manifest the experience of the writer related to his identity as being-in-the-world, from the readings of the literary landscapes expressed in his poetics. Therefore, we seek the theoretical contribution of the literature theory, more specifically from Phenomenology, Cultural Humanist Geography (from the categories related to *spatiality*, such as *space*, *place*, *placelessness*, *topophilia*

<sup>1</sup> Mestranda em Letras (Estudos Teóricos e Críticos da Literatura) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLETRAS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente de Língua Portuguesa da SEDUC/MA e da SEMED/São Luís. E-mail: [daniellecastrodasilva@gmail.com](mailto:daniellecastrodasilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutora em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa. Doutora em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [marcia.manir@ufma.br](mailto:marcia.manir@ufma.br)

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

and *topophobia*) and the studies of identity. The objective is to understand more deeply the elements author-work-reader-world. The Gullarian poetics, from *Na Vertigem do Dia*, presents a Gullar of more mature poetics, although without losing its experimental characteristic, coming from a historical baggage post-exile, which gives the reader a vivid idea of how their identity in space is hybrid and marked by fissures and reconstructions. Specifically, it intends to understand, from the conception of literary criticism and Cultural Humanist Geography, structured in Phenomenology, which relations between place and identity are present in the Gullarian poetics, in *Na vertigem do dia*, how the poetics of Ferreira Gullar manifests his senses of place and belonging, considering the displacement of this subject from his post-exile experience.

**Keywords:** Poetics. Geography. Identity. Ferreira Gullar. Na vertigem do dia.

## 1 “Deitado fora de ângulo”: o sujeito deslocado

A partir da década de 1950, surge no cenário poético nacional José de Ribamar Ferreira, que entre tantos “José de Ribamar” adotará, por corruptela do sobrenome materno, o nome de Ferreira Gullar, pelo que será conhecido não só no Brasil, como mundo afora. Gullar talvez seja um dos poetas que mais incansavelmente buscou compreender, por dentro, por fora e por experiência, essa relação dinâmica entre aquilo que se escreve, os limites da linguagem e o sentimento do ser humano diante do pasmo que se lhe oferece o viver no mundo.

Enfrentando a realidade exílica e suas repercussões, a vida do indivíduo que passou pelos movimentos pertencentes a essa condição carrega consigo várias tensões relacionadas à ideia de lugar, o que transparece no percurso da obra gullariana, em particular, na obra *Na vertigem do dia*, revelando sua identidade relativa a essas paisagens como a de um sujeito que, inicialmente, tendo de se esconder em seu país, é obrigado a se retirar de sua pátria, para depois retornar, com todas as não conformações que advêm com esse retorno, bem como os interditos da vida anterior, como estrangeiro e, ainda mais, exilado. Afirma Volpe (2003, p.47):

Ao refletir sobre situações de exílio, e suas variantes – o insílio e o desexílio – sugere-se uma ênfase na dimensão espacial, no sentido de estar, atravessar, sair, voltar a lugares, cidades, países, fronteiras, pontes, assim como também, de forma metafórica, de atitudes, estados de espírito, visões de mundo, ideologias.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Percebe-se que aí se trata de alguém que se identifica, numa identidade-*idem*, com os que partilhavam do trauma do exílio, mas, por outro lado, no sentido de uma ipseidade, sua história é única. Toda a trajetória de Gullar, como poeta ludovicense, maranhense, migrante para o sudeste, exilado entre Moscou, Santiago, Lima e Buenos Aires, até retornar ao Brasil numa condição tão peculiar, que é a do desexílio, comporta dizer que se a mesmidade da condição de sujeito exilado existe, ele consegue, através de sua poética, olhar para o *si-mesmo* como *um outro* (RICŒUR, 1991) e reconfigurar o fio narrativo da sua história. Não pelo alinhamento do que está fraturado, mas pela fratura exposta, soldando, pela poesia, o “dorso quebrado do tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 60).

O que é esse ser que está exilado e volta para casa? A condição exílica enseja sentimentos que se dão tanto no que diz respeito aos lugares por que forçosamente se passa, quanto ao lugar de origem (seja do ponto de vista da saudade da pátria, fortalecida pela memória, seja do ponto de vista da tentativa de se readaptar, no seu retorno). Coadunando com essa visão do espectro de sentimentos desencadeados, Paiva compreende que tal situação envolve muitos fenômenos, que se refletem tanto na literatura de Gullar, objeto de seu estudo, quanto na sua vida (2017, p. 57):

Estar exilado compreende, na literatura e na vida, várias perdas: perda por morte de familiares e amigos, perda de *status*, perda de condições sociais, perda da honra, entre outras. Esses tipos de perda podem acontecer em fase anterior ao exílio. Além da vivência entre perdas, o exilado também vive em meio a carências e conquistas necessárias à sobrevivência na nova casa. São importantes para a permanência no novo lugar as condições e a forma em que se dão o asilo e o acolhimento, dependentes do equilíbrio delicado entre a fragilidade daquele que chega e a sensibilidade daquele que recebe.

Dessa forma, essa condição não pode ser ignorada na produção poética, sobretudo quando a poesia é reveladora de íntima relação com a ideia de *lugar*, seja em situações em que esses lugares representem conforto, vínculo, seja em situações em que esses lugares

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

expressam angústia, aversão ou até mesmo falta de vínculo, pois se tornam *fator de arte* (CÂNDIDO, 2010).

Assim, é possível identificar a poética gullariana, numa análise posterior, como a de um sujeito contemporâneo, nos termos de Agamben (2009): aquele que percebe a luz no escuro, que se sente deslocado de seu próprio tempo e espaço e que, talvez mesmo por isso, tenha a condição de olhar para o *ser-e-estar-no-mundo* (HEIDEGGER, 2005) de outra maneira, empreendendo reflexões que de outra forma não existiriam. É importante destacar que, para o autor, a compreensão sobre “sujeito contemporâneo” não reside no cronológico (na contemporaneidade, por assim dizer), mas no sentido do sujeito fraturado, o que pode acontecer em qualquer que seja o momento da humanidade. No entanto, é inegável que rupturas como períodos ditatoriais são ainda mais passíveis de gerar esse tipo de condição.

O papel do poeta é resgatado por Agamben quando cita uma poesia de Osip Mandel'stam, intitulada de “O século”: “O poeta enquanto contemporâneo é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de recompor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra” (2009, p. 61). O sujeito contemporâneo usa sua escrita como urgência e vingança e o tempo presente é experimentado como um “encontro falho” (SCHOLLHAMMER, 2009). Quando se fala em “vingança”, é interessante destacarmos o sentido etimológico da palavra, que vem de “vindicare”, representando aquilo que libera e clama e que, ao mesmo tempo, tem a força do dizer. A força do dizer poético é reafirmado por Sarlo (2016, p. 30), ao lembrar que o poeta é quem registra as perguntas de seu tempo, retomando Levertov:

Para Levertov, o poeta não procura respostas e sim perguntas: indaga sobre aquilo que, numa época, parece, além de todo princípio de compreensão, a resistência ao que o horrível, o sinistro, o sublime ou o trágico opõem a outras formas do discurso e da razão. Os poetas não explicam, mas assinalam essas zonas: eles as figuram e des-figuram articulando-as, de maneira subterrânea, nos textos mais díspares: um ‘argumento por trás do argumento’, atravessando a linguagem e a forma.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Os espaços consagrados para o entendimento da vida em sua relação com o tempo são reveladores do quanto a memória tem sua relevância nesse processo. Para Nora (1993), a memória é um fenômeno sempre atual, vivido como vínculo no presente eterno. E quando se pensa no contemporâneo como fratura, fica ainda mais evidente:

Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (1993, p.8).

A memória é uma construção coletiva. Não há possibilidade de memória totalmente individual, porque mesmo que a memória esteja presente em um momento em que o outro não se materialize, ela é sempre em relação ao outro (HALBWACHS, 1990). Do mesmo modo que é coletiva, é seletiva, posto que em parte herdada, em parte construída e estruturada pelas preocupações do momento (POLLAK, 1992).

E o papel do metafórico em torno da memória, sobretudo em processos disruptivos, é o de carregar a força elucidativa do poético como simbólico através do enigma de uma representação presente do passado ausente, numa metáfora viva, que traduz os jogos da memória (RICŒUR, 1994; 2000; 2007). Sarlo compara, nesse sentido, a literatura com a figura mítica de Pandora, que insiste em manter aberta a caixa que outros querem fechar. E diz, sobre as palavras que a literatura apresenta, que “[..] são, de fato, testemunhas informantes. [...] Fedem mas não apodrecem, não se desintegram. As palavras contra toda crença do senso comum são mais pertinazes que os corpos.” (2016, p. 33). Portanto, olhar para o poema e perceber o que ele constitui, reconstitui ou estilhaça é olhar para esse sujeito contemporâneo e buscar compreender o que nele há de revelador sobre sua experiência, memória e condição no mundo.

## **2 “No ombro do planeta”: o espaço do lugar**

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Na poética de Ferreira Gullar, em *Na vertigem do dia*, esses lampejos que entremeiam paisagens literárias aparecem, muitas vezes, como forma de certo incômodo ou deslocamento do sujeito em um ambiente que não é seu, o ambiente exílico. Para ser ler o espaço no poético, antes, é necessário que se compreenda melhor o próprio fenômeno da geograficidade que então se manifesta.

A interação do ser humano no mundo é constituinte de valor e, portanto, de representação e simbologia. Os estudos do poético, a partir das paisagens literárias que se abrem às mais distintas leituras, encontram, pois, nesse olhar humanista compreendido pela geograficidade, base fundamental para se alcançar o entendimento de como lugar e sujeito expressam-se, em interação, como reveladores em suas identidades.

Entendendo-se por geograficidade a compreensão do *ser-e-estar-no-mundo* (HEIDEGGER, 2005), a ligação existencial entre o ser humano e a Terra: lugar, base e meio de sua realização (DARDEL, 2015), a perspectiva é a de “uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza”, ao tentar “abranger a totalidade do ser — percepção, pensamento, símbolos e ação”. (HOLZER, 2009, p.140).

Os textos literários, segundo Collot (2013, p. 52), “são portadores de ressonâncias subjetivas e de valores éticos e estéticos, e constroem, então, ao mesmo tempo que uma imagem do mundo, uma imagem do eu”. Assim, no intuito de analisar as metáforas vivas promovidas pela poética de Gullar, cabe analisar também de que modo elas são criadas, no que se refere ao seu olhar sobre os sentidos de *lugar*.

Com base nos estudos de Dardel (2015), Tuan (2012, 2013) e Relph (2014), percebe-se que as relações estabelecidas pelo ser humano com os ambientes que de sua vida fazem parte podem gerar sensações, a partir da forma como se dão suas experiências com e nesses espaços. Uma dessas relações encontra-se na ideia de que a *lugaridade*, para Relph (2014), estaria nessa característica própria que um lugar tem de reunir qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, fundada nos aspectos constitutivos de lugar

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

(autenticidade, encontro, sentido, raízes, interioridade), enquanto se apresenta a ideia de *lugar-sem-lugaridade* como sendo aquele que possui uma fraca ou inexistente capacidade de promover a reunião desses elementos.

“Lugar é uma pausa no movimento. [...] A pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor” (TUAN, 2013, p. 169). Com esses termos, Yi- Fu Tuan trata da categoria *lugar* relacionando-a com sua valoração pelo ser humano através dos sentimentos envolvidos no meio ambiente, o que o leva às noções de *topofilia* e *topofobia*.

Para o autor, *topofilia* seria, em sentido amplo, “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural”, que difeririam entre si por sua intensidade, sutileza e modo de expressão. (TUAN, 2012, p. 136). Já em sentido contrário, a falta de afetividade que causa aversão, repulsa e desprezo por certos lugares seria denominada *topofobia*.

Outro valor relacionado ao espaço pode ser compreendido através das noções de *apinhamento* e *espaciosidade*, como noções antitéticas, sendo esta última relacionada à sensação de estar livre, com “poder e espaço suficientes em que atuar”, enquanto a primeira está relacionada à sensação de restrição, de limitação, causada pela interação com o espaço. (TUAN, 2013, p. 78).

Retomando a noção de *lugar* e de *lugar-sem-lugaridade*, esta última seja talvez uma das concepções que melhor defina a relação de Ferreira Gullar com os espaços por ele ocupados durante seu exílio. Ao observar os relatos do próprio poeta a respeito desse momento, a ideia de Relph de *placelessness* (traduzida em português como “lugar-sem-lugaridade”) expressa a incapacidade de criar ligações entre o ser e o espaço, já que não considerava aqueles como o seu *lugar*, não expressava o poeta a menor intenção de permanência que extrapolasse a busca por manter-se vivo até o seu retorno à pátria. Em entrevista para os Cadernos de Literatura Brasileira, em 1998, Gullar (1998) deixa bastante claro esse sentimento de não pertença, de não vinculação a esses lugares exílicos:

Eu fiz o que pude no exílio. Não ia me render, não ia me deixar destruir. Eu procurava sobreviver, mas aquilo para mim era um castigo permanente. Eu



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

só pensava em voltar. Minha obsessão era tão grande que eu alugava apartamento nas cidades onde passava, mas não montava a casa, como se diz. Eu improvisava. O apartamento era uma tenda, um acampamento para mim. Eu não aceitava a ideia de me instalar. Confesso para vocês que eu não aguentava viver longe da minha família, dos amigos, da minha cidade. Uma coisa que aprendi no exílio (eu sei que é uma coisa minha) foi o seguinte: em todas as cidades por onde passava, poste era poste, casa era casa, parede era parede e na minha terra, não. O poste é o poste de tal rua, a casa, é a casa de um conhecido etc. O exílio, na minha opinião, é um mundo hostil, um mundo que não é nada, um mundo que é matéria só. Eu não nasci pra isso.

Fica, pois, evidente o sentimento de *não lugaridade*, ratificado pelas palavras de Relphe sobre aquilo que não é *lugar*: “Qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar” (2014, p. 22). Eis uma manifestação bastante pungente do sentimento de *lugar-sem-lugaridade*: o exílio, para Ferreira Gullar. Quando o poético e a experiência do sujeito andam de mãos dadas, também o olhar da crítica não os pode ignorar.

### 3 A poética em Gullar

De modo especial, na obra *Na vertigem do dia*, a relação com o lugar aparece, muitas vezes, como forma de certo incômodo ou deslocamento do sujeito em um ambiente que não é seu, o ambiente exílico, sentimento que parece gritar, como veremos, também no poético, como acontece em “Ao rés do chão”, em que retrata a vida em Buenos Aires (GULLAR, 2013, p. 59):

#### **Ao rés do chão**

Sobre a cômoda em Buenos Aires

o espelho reflete o vidro de colônia Avant la Fête

(antes,

muito antes da festa!)

Reflete o vidro de Supradyn, um tubo

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

de esparadrapo,  
a parede em frente, uma parte do teto.  
Não reflete a mim  
deitado fora de ângulo como um objeto que respira.

Os barulhos da rua  
não penetram este universo de coisas silenciosas.

Nos quartos vazios  
na sala vazia na cozinha  
vazia  
os objetos (que não se amam):  
Uns de costas para os outros.

É importante observar o papel que cumpre o *espelho* no poema. Por um lado, reflete a colônia, que simboliza a ideia de “festa” desde o seu nome (“Avant la fête”), traduzindo o perfume da rotina da vida cotidiana daqueles que não vivem numa condição de exílio, a vida que acontece fora do quarto. Apesar de sabermos que o espelho é, por definição, um objeto de identificação de imagens (a real e a projetada), no caso do poema, essa identificação não vigora. Nas palavras de Rocha (*apud* PAIVA, 2017, p. 167):

[...] a identificação inicial entre o eu real e o do espelho se revela enganosa e superficial, e este encontro torna-se traumático para o sujeito, porque subtraiu dele a possibilidade de relacionar-se com o mundo, que de longe apenas lhe acena; o sujeito não chega ao mundo, pelo menos não o vislumbra diretamente, dominado que está pela imagem de si, que o espelho apenas reflete.

O sentimento transmitido ao longo do poema se fortalece em relação ao quarto, como um sentimento de *topofobia*. O termo “deitado fora do ângulo como objeto que respira”

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

acentua a não pertença àquele ambiente e, não somente, revela uma desintegração tal que atinge até o seu caráter de ser humano, já que se considera, a partir desta revelação do espelho, coisa. Observa a *si-mesmo* como *um outro*, porém num sentido de desagregação com relação a esse outro.

Ainda em “Ao rés do chão”, outro elemento do quarto aparece revelador de uma sensação de não afeiçoamento ou integração ao ambiente. A cômoda, até por seu nome, serviria para “acomodar”, mas nada parece cômodo naquele quarto, que traz uma sensação de *apinhamento*. O eu-lírico, ali, só existe, sem maiores propósitos. O espelho reflete “as coisas diferentes e sem relação entre si”. A ele, sequer o espelho reflete, pois está “fora de ângulo”, numa falta de conexão que apresenta o quarto como um *lugar-sem-lugaridade*. Para Paiva (2017, p. 147):

Supõe-se que o exilado não é refletido, pois está fora do foco, fora do centro, em relação aos objetos de seu entorno. Está alheio ainda ao espaço visto como pertencente a uma vida vazia, na qual objetos não se cruzam, não se tocam na vida; vivem para nada. O poema também opõe a alegria da espera da festa à ferida do exílio que a figura do esparadrapo indica (FRESSIA, 2011, p. 2). Fragilizado pelo exílio, é preciso que o exilado fortaleça-se, tomando um suplemento alimentar para poder participar de uma festa que não se sabe qual é. Ele está fora do centro, mas com os sentidos atentos como mostram as alusões ao tato, na presença dessa ferida; ao paladar, na presença desse suplemento alimentar; à visão, na presença do espelho; ao olfato, na presença da imagem do perfume, que ocorrem no poema.

Retome-se a ideia inicial de “festa”, trazida pelo perfume “Avant la Fête”. Ele não sabe definir de que festa se trata, é algo estrangeiro, alheio a si, pois dela não participa. E não há condições para que participe, partindo do pressuposto de que se sinta “coisa”, muito embora esteja atento, como “coisa que respira” e que, portanto, capta o universo ao seu redor pelos sentidos. Há mesmo que se questionar se haveria uma “festa” para ele de que pudesse participar plenamente. Se entendermos “festa” como alegoria para a “vida”, o eu lírico parece considerar uma espera em que ela pudesse ser alcançada (com o retorno à terra natal?), marcada pelo tempo (“avant”: “antes”). Festa ainda haverá, pois o que existe naquele

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

momento e de que ele não participa é anterior ao seu próprio instante de realização (“antes/muito antes da festa!”).

Há também nesta poesia um contraste entre “os barulhos da rua” e o “universo de coisas silenciosas”. O primeiro termo alegoriza a vida em movimento, enquanto o segundo parece simbolizar tudo o que não pode e não deve “falar”. A interdição da fala imposta pela ditadura e pelo exílio parece ser aí retratada.

É importante perceber que Gullar, como exilado, vivia em uma situação precária muitas vezes, não contando com uma estabilidade política que lhe garantisse segurança nem nos locais onde se abrigou clandestinamente. Foi o caso de Buenos Aires, assim como aconteceu em outros países, devido ao histórico de golpes sucessivos na América Latina naquele período (GULLAR, 1998). O silêncio não voluntário coisifica, pois, o homem que é. O contraste entre a “rua”, espaço localizado onde há vida, e o “universo”, onde tudo é reificado e silenciado, sugere que o silêncio, para o exilado, é muito maior que a vida.

Sob o signo do “espelho”, em uma poesia da obra analisada, chamada “O espelho do guarda-roupa”, fica ainda mais evidente que sua ideia não se traduz como identificação, pelo contrário. Mais nitidamente se apresenta o quarto como ambiente de apagamento do sujeito diante do mundo e o espelho como representação de *apinhamento*, causando uma sensação de não conseguir prosseguir, de limitação, de indigestão até (GULLAR, 2013, p. 37-39):

## **O espelho do guarda-roupa**

Espelho espelho velho  
alumiando  
debaixo da vida.

Quantas manhãs e tardes  
diante das janelas

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

viste se acenderem  
e se apagarem  
quando eu já não estava lá?

De noite  
na escuridão do quarto  
insinuavas  
que teu corpo era de água

e te bebi  
sem o saber te bebi e te trago  
entalado  
de um ombro a outro  
dentro de mim  
e dóis e ameaças  
estalar  
estilhaçar-se  
com as tardes e as manhãs  
que naquele tempo  
atravessavam a rua  
e se precipitavam em teu abismo claro  
e raso

espelho  
espelho velho

e por trás de meu rosto

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

o dia  
bracejava seus ramos verdes  
sua iluminada primavera

II

Um homem  
com um espelho (feito  
um segundo esqueleto)  
embutido no corpo  
não pode  
bruscamente voltar-se para trás  
não pode  
juntar nada do chão  
e quando dorme  
é como um acrobata  
estendido sobre um relâmpago

Um homem com um espelho  
enterrado no corpo  
na verdade não dorme: reflete  
um voo

Enfim, esse homem  
não pode falar alto demais  
porque os espelhos só guardam  
(em seu abismo)

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

imagens sem barulho

III

Carregar um espelho

é mais desconforto que vantagem:

a gente se fere nele

e ele

não nos devolve mais do que a paisagem

Não nos devolve o que ele não reteve:

o vento nas copas

o ladrar dos cães

a conversa na sala

barulhos

sem os quais

não haveria tardes nem manhãs

Como o espelho dos contos infantis, que revelava à bruxa má as verdades, apesar de serem intragáveis, o espelho nessa poesia é revelador de uma condição igualmente desconfortável, mas tão intrínseca que se confunde com o próprio esqueleto do “eu” que fala. Enquanto a primeira parte do poema revela a sedução inicial do espelho (já que o exílio aparece como forma possível de viver, diante da impossibilidade de permanecer em seu local de origem), a segunda parte desnuda a realidade da condição de exilado; realidade essa da qual não se pode fugir e que traz tantos interditos que impossibilitam a vida. Tudo o que ela representa está fora do alcance do “eu”, porque nada retém, em seu reflexo. O que inicialmente pareceria vantajoso, ocorre, na terceira parte do poema, pois, como franca desvantagem.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

O espelho é algo que alumia “debaixo da vida”. A vida acontece (no “lá fora”), ele a reflete em um nível inferior, mas, ainda assim, é quem vê essa vida acontecer, o que não acontece com o eu lírico. Ele já não estava lá, já não participava daquela vida. O reflexo oferecido pelo espelho durante a noite é dúbio, não traz a concretude do reflexo do dia, parece ser melífluo, assim que se insinua ao poeta como se fosse feito “de água”, de modo que, querendo participar da vida, resolve bebê-lo, mas acaba “entalado/de ombro a ombro”.

Qual o melhor momento, para alguém que necessita se esconder dos perigos de tentar participar da vida comum, se não a noite, com sua luz titubeante? Como exilado, talvez fosse a oportunidade que buscasse, mas não passaria de ilusão, já que esse movimento se mostra indigesto. Não há, pois, como viver com tranquilidade numa ingestão segura da vida. O máximo que se consegue é acabar perturbado por algo que não se pode deglutir. Olhar a vida acontecendo, mesmo de fora, mesmo de longe, e dela não poder participar, pode ser mortificante.

Essa condição de “entalado” pelo reflexo da vida (dos outros, vida da qual não pode participar) é o que traz a sensação de *apinhamento*, posto que restrito de ação nos espaços em que poderia atuar. É uma condição que já faz parte do seu próprio corpo de exilado (“feito/um segundo esqueleto”, “embutido no corpo”). A vida aparece como primavera, de dia, nunca diante de si, sempre de modo enviesado.

É o espelho que agora o constitui que o limita. A essa ideia, seguem-se muitas limitações reveladas pelo termo “não pode”, cuja análise sequencial já, por si, serviria a um outro estudo, pois revela muitas interdições que valem a pena serem examinadas: de movimentação repentina (“não pode/bruscamente voltar-se para trás”), de recuperação do que caiu – e está, portanto, num espaço inferior (“não pode/juntar nada do chão”), de fala (“não pode/falar alto demais”).

O que se é mais parece com uma morte, porque se trata de “Um homem com um espelho/enterrado no corpo”. Existindo, está sempre em risco, em desconforto, ferindo-se. E trata-se de um jugo desigual, porque esse fardo de carregar o espelho da vida lá fora dentro de

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

si sequer tem alguma compensação. O que o espelho devolve não se parece com um *lugar*, com o qual se possa desenvolver uma relação topofílica. O que ele devolve é nada “mais do que a paisagem”, aí entendida como uma vida distante que não é a sua e que a ele não diz muito. São situações bem alheias, já que o próprio espelho não é capaz de reter a vida que reflete, nem os barulhos, que esses, sim, denotam alguma existência possível: a dos não exilados, fazedores das tardes e das manhãs.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GULLAR, Ferreira. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Instituto Moreira Sales, n.6, p. 43, set, 1998. Disponível em: [https://issuu.com/ims\\_instituto\\_moreira\\_salles/docs/clb\\_-\\_ferreira\\_gullar](https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_ferreira_gullar). Acesso em: 10. jan. 2023.

\_\_\_\_\_. **Na vertigem do dia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

\_\_\_\_\_. **Rabo de Foguete: os anos de exílio**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

\_\_\_\_\_. **Resmungos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2005.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na Geografia Cultural Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea.** In: GEOgraphia, 5(10). 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2003.v5i10.a13458>. Acesso em: 19.dez.2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In: **Projeto História 10.** História e Cultura. v. 10. jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> . Acesso em: 15. dez. 2022.

PAIVA, Marcélia Guimarães. **O poema como morada: exílio em Ferreira Gullar.** Belo Horizonte: Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2017. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_PaivaMG\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_PaivaMG_1.pdf) . Acesso em: 28. set. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> . Acesso em: 15. jun. 2022.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARÂNDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **A metáfora viva.** São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa.** Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **O si-mesmo como um outro.** Trad.: Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991.

SANFELICE, Vinicius Oliveira. **Metáfora e imaginação poética em Paul Ricoeur.** Santa Maria, RS: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9129/SANFELICE%2C%20VINICIUS%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 15. dez. 2022.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação.** Trad. Mirian Serra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-19.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

VOLPE, Miriam Lúcia. Geografias de exílio: Mario Benedetti, um intelectual latino-americano. *In: Em Tese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3566>. Acesso em: 20. dez. 2022.